



selecionado (acadêmico). A revista comunica-se através de muitas vozes (polifonia): artistas, intelectuais, críticos, arquitetos; e registra uma época cultural — a década de 60/70 e início de 80. O próprio nome do periódico sugere um sentido duplo: talvez o sentido de revisar algo, "passar em revista". Percebe-se que a revista trabalha com um conceito plural de arte, e o sentido de revisar, de "passar em revista", é lido aqui como o de revisar a própria arte. Esse conceito de arte plural não é mais aquele conceito limitado de séculos passados no qual se relacionava arte - beleza - mimeses, mas sim um conceito transformado pelas relações sociais, pelo capitalismo, no qual "a arte passou a ser uma mercadoria e o artista transforma-se num produtor de mercadorias." Essa transformação pode ser o primeiro sintoma de um declínio: o da arte. Além disso, trata-se da arte em uma revista.

Abaixo relacionarei alguns dos principais momentos que *Arte em Revista* rememora e que se tornaram marcos para a história da arte brasileira na sua produção artística. Iniciando pela música brasileira, o periódico destaca a luta contra a política autoritária do nacionalismo, citando Caetano Veloso e Gilberto Gil, integrantes do Movimento Tropicalista. Outro músico considerado revolucionário é o ex-maestro da Orquestra Municipal de São Paulo, Rogério Duprat, que abandona essa posição para tornar-se um músico "marginal", independente.

Em relação ao cinema brasileiro, *Arte em Revista* dá destaque à figura de Glauber Rocha, mentor do Cinema Novo (1961), e oferece espaço para a discussão do discurso que permeia seus filmes. Além do Cinema Novo, a revista discute o papel do Cinema Experimental, ou Marginal, como também era conhecido. Walter Cezar Addeo, no artigo "O cinema sob o signo da rebeldia", publicado em *Arte em Revista* n. 5, refere-se ao cinema marginal: "O cinema marginal brasileiro revela, no seu discurso fragmentado e aparentemente caótico, o momento de encerramento de um "ciclo" específico dentro da cultura nacional. Nesta virada de mesa, "as aves" que gorjeiam no país dos papagaios não gorjeiam mais como as da metrópole Hollywoodiana"<sup>3</sup>.

Para *Arte em Revista*, outro marco importante para a história da arte brasileira foi o teatro. A revista enfoca o teatro de Arena, de Augusto Boal, e o teatro Oficina de José Celso Martinez Corrêa, ambos considerados engajados; o teatro universitário com o grupo do Tuca, de José Vicente e o grupo do Tusp; e o grupo teatral popular do nordeste, que recebe apoio governamental e opta por um teatro didático, inclusive

---

<sup>3</sup> ADDEO, Walter Cezar. *Arte em Revista* n. 5, p. 75.

levando espetáculos para área rural, fazendo uma arte mais voltada para o social. O discurso de José Celso, líder do teatro Oficina que foi exilado, é evidenciado pela revista e apresenta-se como importante ponto de reflexão.

Anne-Marie Summer e Iná C. Costa, no ensaio "Da hegemonia cultural a uma política para a arte", publicado em *Arte em Revista* n. 6, fazem referência à relação que o Estado mantém com a Instituição Arte, a relação arte-mercadoria e sua respectiva política cultural. "Do ponto de vista do Estado, ou seja, da burguesia, interessa preservar e, portanto, não questionar a Instituição Arte com seus valores calcados sobre a noção de Arte como algo marginal à sociedade e suas relações de produção, como resultante fundamentalmente da "inspiração" do "gênio". Isto é, o que interessa é ocultar as relações de produção e de dominação que estão por trás dessa mercadoria a que se chama *Arte* (ou cultura), ficando em segundo plano a política cultural sobre a qual a produção artística deva estar eixada. Hoje, essa política nos é apresentada sob a fachada do incentivo à "cultura nacional" (questão falsa *a priori*, repetimos, dada a internacionalização da produção e, conseqüentemente, da cultura)" <sup>4</sup>.

Coerentemente com o objetivo de publicar textos de difícil acesso, *Arte em Revista* n. 1 publicou o *Manifesto do CPC*, de 1962. Naquele período formaram-se várias agências de cultura popular em diversos estados do Brasil e os integrantes dessas "optaram por ser povo, por ser parte integrante do povo, destacamentos de seu exército no front cultural" <sup>5</sup>. Neste manifesto, cabe ressaltar a posição de seus integrantes frente às críticas recebidas: "Entre os argumentos daqueles que vêm no CPC perigosa ameaça ao desenvolvimento harmonioso e ascendente da arte brasileira, destaca-se a acusação de que a arte revolucionária, limitando-se em sua forma, limita-se implicitamente em seu conteúdo. De fato, trata-se de uma observação procedente embora seja de todo ilícito concluir daí que o conteúdo de nossa arte, por ser assim contido em sua expansão, seja inferior ao conteúdo da arte das elites" <sup>6</sup>.

Dando continuidade à abordagem que *Arte em Revista* faz sobre a questão da cultura popular, o número três enfoca a temática do "popular", demonstrando em alguns artigos, como em "Notas sobre a cultura popular", de Marilena Chauí, as diferenças entre essa cultura e a dominante; a apropriação dessa, do Estado e da indústria cultural

---

<sup>4</sup> SUMNER, Anne-Marie e COSTA, Iná Camargo. "Da hegemonia cultural a uma política para a arte", inédito, CEAC, 1980/1981.

<sup>5</sup> MARTINS, Carlos Estevam. "Anteprojeto do Manifesto do CPC" In: *Arte em Revista*, n. 1, p. 67.

<sup>6</sup> Idem. Ibidem.

sobre a primeira, reforçando a cultura popular como fundação da identidade nacional, ressaltando a importância de uma memória.

Quando me refiro à arte, entendo-a de acordo com a concepção de Antônio Houaiss: "arte como conjunto de obras artísticas de uma época, de um país" <sup>7</sup>, ou seja, arte significando toda a produção artística: teatro, música, artes plásticas, literatura, cinema e arquitetura, — objetos culturais que *Arte em Revista* prioriza e "passa em revista" durante o período 60/70 e início dos 80, mostrando a relação com a política cultural vigente. Esse período foi bastante conturbado, tendo em vista os acontecimentos políticos ocorridos, época de governos militares, de repressão, censura etc. Para Flora Sussekind, no caso da política cultural no período de 64 a 84, é possível "estabelecer ao menos três períodos diferentes, três estratégias diversas adotadas ao longo destes anos. E que incluem o desenvolvimento de uma estética do espetáculo, uma estratégia repressiva ladeada pela determinação de uma política nacional de cultura, e um hábil jogo de incentivos e cooptações..." <sup>8</sup>. Essas estratégias adotadas pelos governantes e seu reflexo sobre a produção artística em voga no Brasil são demonstradas pela *Arte em Revista* para que nós, enquanto leitores, possamos avaliar o discurso hegemônico elitista e o contra discurso de alguns intelectuais e artistas e seus esforços, mesmo sob o peso da censura no período mais crítico, nos anos de 68 a 75, quando foi instituído o AI-5, a política de supressão. Em 1970, Roberto Schwarz analisava essa mudança de tática do governo da seguinte forma: "Se em 64 fora possível à direita 'preservar' a produção cultural, pois bastara liquidar o seu contato com a massa operária e camponesa, em 68, quando o estudante e o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros já constitui massa politicamente perigosa, será necessário trocar ou censurar os professores, os encenadores, os escritores, os músicos, os livros, os editores — noutras palavras, será necessário liquidar a própria cultura viva do momento" <sup>9</sup>.

*Arte em Revista* também publica alguns depoimentos de críticos de arte estrangeiros que vieram ao Brasil por ocasião do Congresso Internacional de Críticos de Arte que se realizou em setembro de 1959 no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Entre eles estavam Georg Schmidt, Jacques Lassaigne, André Chastel, William Holford, Charlotte Perriand, Giulio Argan, Raymond Lopez etc. Esses críticos apontam as falhas

---

<sup>7</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua portuguesa*. Melhoramentos, 1988, p. 104.

<sup>8</sup> SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Zahar, 1985, p. 13.

<sup>9</sup> SUSSEKIND, Flora. *Ibidem*, p. 16.

na arquitetura brasileira, inclusive na arquitetura de Brasília, discutindo também a inadequação das condições geográficas onde são construídos certos arranha-céus e os problemas econômicos e sociais do Brasil que não condizem com grande parte desta arquitetura.

O ensaio *A Literatura Brasileira em 1972*, de Antonio Candido, é precedido de uma apresentação, na qual se ressalta a importância das reflexões de Candido na tentativa de compreender o que se passava com a literatura da década de 60: "na literatura, ao lado de grandes escritores da "geração de 45", dá-se nos anos 60 uma espécie de "erupção inconformista": as vanguardas que pretendiam romper com o elemento discursivo, o lirismo ou a lógica realista, fazendo uma literatura experimental; a literatura anti-literária, anti-convencional, irracional, feita de sucata da cultura; e ainda uma pequena produção voltada para os problemas nacionais imediatos. Apesar de reconhecer esta multiplicidade de tendências atuando no período, Candido parece, entretanto, apontar para certo recesso da literatura" <sup>10</sup>.

Segundo Antonio Candido, no artigo citado, "os ensaios críticos são freqüentemente nutridos de pontos de vista filosóficos, inclusive a influência de marxistas como Lukács e de pensadores inspirados no marxismo, como Theodor Adorno e Walter Benjamin" <sup>11</sup>. Essa afirmação de Candido se faz sentir em alguns ensaios publicados em *Arte em Revista*. Para o escritor, os poetas da geração de 45 eram inclinados ao sentimentalismo, a certo patético, embora entre eles se incluía um João Cabral de Melo Neto, precursor da vanguarda atual.

Tendo em vista que este periódico se propõe a divulgar documentos, raros ou inéditos, textos de análise, objetivando uma reflexão sobre a História da Arte Brasileira, ele consegue com precisão apontar pontos estilísticos decisivos e explica seus fundamentos sociais. No artigo de Ferreira Gullar, *Cultura posta em questão*, publicado no terceiro número, fica evidente o esquematismo com que são tratadas, não apenas as relações entre cultura e sociedade, mas as próprias condições concretas da sociedade brasileira. O anteprojeto para o manifesto do CPC de Carlos Estevam, é outro exemplo desse fato — o popular é sobre determinado, normalmente passando pela intelligentsia ou pelo poder dominante. Essas são questões fundamentais para um aprofundamento posterior.

---

<sup>10</sup> *Arte em Revista*, n. 1, p. 20.

<sup>11</sup> CANDIDO, Antonio. "A literatura brasileira em 1972" *Arte em Revista* n. 1, p. 21.

---

**Notas:**

(\*) Bolsista de Iniciação Científica - CNPq.

(1) RIVERA, Jorge B. *El Periodismo Cultural*. Paidós. Estudios de Comunicacion. 1995, p. 11.

(2) FISCHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. 9ª ed. RJ: Guanabara, p. 59.

(3) ADDEO, Walter Cezar. *Arte em Revista* n. 5, p. 75.

(4) SUMNER, Anne-Marie e COSTA, Iná Camargo. "Da hegemonia cultural a uma política para a arte", inédito, CEAC, 1980/1981.

(5) MARTINS, Carlos Estevam. "Anteprojeto do Manifesto do CPC" In: *Arte em Revista*, n. 1, p. 67.

(6) Idem. *Ibidem*.

(7) HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua portuguesa*. Melhoramentos, 1988, p. 104.

(8) SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Zahar, 1985, p. 13.

(9) SUSSEKIND, Flora. *Ibidem*, p. 16.

(10) *Arte em Revista*, n. 1, p. 20.

(11) CANDIDO, Antonio. "A literatura brasileira em 1972" *Arte em Revista* n. 1, p. 21.